

Museus de Ciência

PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Durante qualquer visita a um museu de ciência, é possível notar a presença de alunos e professores interagindo com a mostra, nas experiências e nas observações. Os aspectos lúdicos servem para aproximar o sujeito do objeto e do objetivo maior, que é despertar a curiosidade científica em seus visitantes.

Vários pesquisadores discutem o papel e os limites dessa divulgação científica. Seria um meio educacional não formal, devendo sanar as deficiências da escola no ensino de ciência? Se a escola não consegue motivar os alunos, será que é a função da divulgação científica despertar essa motivação? A aprendizagem é um dos objetivos da divulgação científica? E, ainda, qual o meio mais eficiente de aprender ciência: uma aula, um artigo ou uma visita a museu?

As questões que persistem mostram que não existe um consenso entre os pesquisadores sobre o papel e a esfera onde a difusão de ciência ocorre de forma mais eficiente. Porém, todos parecem concordar com o objetivo fundamental de aproximar a ciência do público, como parte da cultura do homem, e os museus fazem esse papel de aproximação. Mas alguns diferenciam as ações educativas que se dão por meio de exposições e educadores dos museus, com o ensino formal ministrado por professores de ciências.

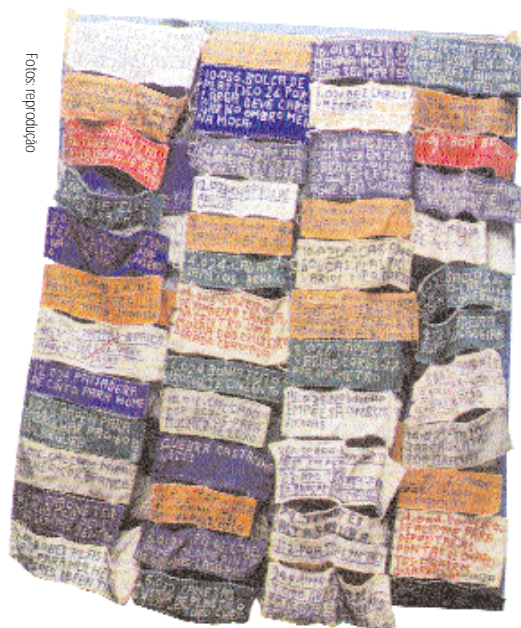
Para Luciana Sepúlveda, coordenadora

de educação do Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o museu é educativo quando a visita é agradável e permite ao visitante construir uma experiência particular e significativa, quando ele consegue articular as informações, impressões e descobertas vividas durante a visita, com outras experiências anteriores e posteriores. O museu tem uma abordagem diferente da escola, da biblioteca, do parque, do jornal e da televisão. “Suscita relação de tempo, de espaço com o conhecimento particular, além da presença de objetos diversos (peças de coleções ou objetos concebidos especificamente para museus) que estimulam a construção de significados nesses espaços”, diz Luciana.

Lourdes Patinõ Barba, diretora de serviços educativos do Centro de Ciências Explora, na cidade mexicana de Leon, considera que os museus científicos caracterizam-se como um processo de educação não-formal. “É um espaço diferenciado para as pessoas aprenderem, da mesma forma que um zoológico”. Em sua opinião, ações educativas em museus servem, também, para apoiar escolas.

NOVO PERSONAGEM A atuação do educador no museu é recente. Trata-se de um especialista envolvido em todas as fases que antecedem a exposição (planejamento, desenho da mostra, cores e intenção educacional). Promove cursos de capacitação com professores de escolas, para orientá-los na melhor forma de explorar o conteúdo de uma exposição ou do museu. Oferece, ainda, minicursos e oficinas multidisciplinares para professores e alunos. Implementa pesquisas de avaliação no museu e é responsável, enfim, pela produção de material didático.

Vera Toledo Camargo



Fotos reproduzidas

Fichários, uma das produções do artista

Artes Plásticas

RETOMADA DA OBRA DE BISPO DO ROSÁRIO

Um Cristo envolto numa aura luminosa, protegido por sete anjos azuis. Esta foi a visão delirante com a qual se deparou Arthur Bispo do Rosário, no dia 22 de dezembro de 1938, no quintal de sua casa, no bairro carioca de Botafogo. Caminhou, errante, por dois dias pelas ruas da cidade, antes de ser internado com o diagnóstico de esquizofrenia-paranóica na Colônia Juliano Moreira, onde viveu 50 anos (1939-1989). Ali produziu uma série de obras, que fazem parte do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente e simbolizam a possibilidade do tratamento psiquiátrico humanizado e da inclusão social. Seu valor artístico foi reconhecido com